

PERSPECTIVA E PRÁTICA DOCENTE QUANTO À DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

Katiane Rodrigues da Silva¹

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal de Roraima

Prof^a Ms. Maria Ivone Alves da Silva²

Docente e Pesquisadora da Universidade Federal de Roraima – Departamento de Secretariado Executivo. Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa; Especialista em Gestão Escolar; Mestra em Ciência da Educação; Mestra em Letras Neolatinas-UFRJ.

RESUMO: O Estado de Roraima apresenta diversidade linguística considerável, pelos contatos com as línguas indígenas, com as línguas estrangeiras e com a diversidade regional em função da migração que vivenciamos cotidianamente. Diante dessa situação, esta pesquisa trata da perspectiva e prática docente quanto a diversidade linguística, especialmente no 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Rural Maria das Dores Pereira de Matos do Município de Alto Alegre-RR. Como fundamentação teórica e metodológica fará uso da sociolinguística, com o objetivo de analisar a perspectiva e prática docente quanto à diversidade linguística. Alguns teóricos aqui referenciados são: Marchuschi (2008); Bernstein (1971, 1975, 1977); Calvet (2002); Labov (1970). **Analisamos** a entrevista aplicada ao professor de Língua Portuguesa da escola em questão. A contribuição principal desta pesquisa é a conscientização do docente quanto às múltiplas possibilidades de ensino e aprendizagem valorizando a diversidade linguística do aluno do campo.

Palavras-chave: Diversidade Linguística. Sociolinguística. Educação do Campo. Ensino.

ABSTRACT: The State of Roraima presents considerable linguistic diversity, through contacts with indigenous languages, foreign languages and regional diversity due to the migration we experience on a daily basis. In view of this situation, this research deals with the teaching perspective and practice regarding linguistic diversity, especially in the 9th grade of Elementary School of the Maria das Dores Pereira de Matos Rural School in the Municipality of Alto Alegre-RR. As a theoretical and methodological foundation, it will make use of sociolinguistics, with the objective of analyzing the teaching perspective and practice regarding linguistic diversity. Some theorists referenced here are: Marchuschi (2008); Bernstein (1971, 1975, 1977); Calvet (2002); Labov (1970). We analyzed the interview applied to the teacher of Portuguese Language of the school in question. The main contribution of this research is the teacher's awareness regarding the multiple possibilities of teaching and learning valuing the linguistic diversity of the student in the field.

Keywords: Linguistic Diversity. Sociolinguística. Field Education. Teaching.

¹E-mail: kr2614@com.gmail.com.

² E-mail: maria.ivone@ufr.br

INTRODUÇÃO

Uma imposição dada às escolas de que a Língua que deve ser ensinada é apenas língua padrão, ou seja, aquela comprometida com o poder e de uma cultura já dominante em nosso país, sendo as demais consideradas como erros, sem prestígio ou valor.

O trabalho em sala de aula de um professor de Língua Portuguesa tem sido pautado há muitos anos na gramática normativa e em regras prescritivas que são impostos e cobrados pelo próprio sistema de ensino no nosso país. Na correria do seu dia-a-dia entre muitas turmas e em várias escolas o profissional de educação deixa de refletir sobre o português brasileiro e da própria diversidade linguística do aluno do campo.

Diante desta afirmação e da constatação de que muitas vezes os alunos não estão predispostos ao ensino da disciplina imposto em sala de aula, partiu o interesse de compreender como o ensino da Língua Portuguesa deve ser trabalhado de modo que provoque no educando e no educador reflexão sobre sua própria língua materna e as variações da oralidade e da escrita respeitadas a diversidade dos gêneros e valorizando a particularidade do indivíduo do campo.

A instituição de ensino localizada no campo não tem cumprido o seu papel de valorizar e prestigiar o vernáculo do aluno, e sim contribuindo para exclusão deste, por não dominar a língua considerada como padrão, que é essencialmente comprometida com o poder, em virtude de sua dependência política.

Em sala de aula, a disciplina vem sendo trabalhada de uma forma mecânica com livros que contribuem com a visão redutora da língua que focam apenas na regulamentação ortográfica. Após dez anos de ensino de português, o aluno do 9º ano, por exemplo, não é capaz de produzir um texto adequadamente e estruturado e ainda tem dificuldades de compreender o que lê. Isso é grave, quando se pensa que o domínio da língua é uma das habilidades centrais na formação de qualquer profissional e para a comunicação como um todo.

Como profissional atuante da educação e como acadêmica, o desafio de compreender as variedades linguísticas existentes na vila São Silvestre e trabalhar com os estilos existentes é de particular interesse, pretendendo ainda despertar nos alunos e professor de língua portuguesa o interesse e o compromisso de valorizar a língua falada pelo aluno local. Para que o primeiro não seja mais um disseminador do preconceito linguístico e o segundo não seja vítima em decorrência da ignorância em relação à diversidade linguística que existe em todas as regiões do Brasil.

Tendo isso em vista, escolhi a turma única do 9º ano do ensino fundamental, mas com foco principal no professor de língua portuguesa. Ao educador foi feita uma entrevista com cinco perguntas relacionadas ao que ele conhece sobre variação linguística, sua prática, e a sua expectativa em relação ao homem do campo. Tudo isso com o objetivo de mostrar ao professor que é possível o ensino da língua sobre as variedades existentes no campo, pensando na sua adequabilidade e aceitabilidade dependendo do contexto.

Para este artigo temos como objetivo geral **analisar** como o docente trabalha a variação linguística sob a perspectiva da diversidade linguística e como objetivos específicos temos: **conhecer** percepção do professor quanto à variação linguística na sala de aula, por meio de entrevista; e **caracterizar** a prática do trabalho pedagógico quanto à variação linguística

Este artigo é composto por esta introdução, pela fundamentação teórica, metodologia, análise da entrevista e as considerações.

A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: O CASO DE RORAIMA

A linguística moderna nasceu da vontade de Ferdinand de Saussure de elaborar um modelo abstrato, a língua, a partir dos atos de fala. Seu ensinamento consiste sobretudo no fato de que “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”.

No entanto, é óbvio que as línguas não existem sem as pessoas que as falam. Na prática, foi preciso esperar William Labov para deparar a afirmação de que, se a

língua é um fato social, a linguística só pode ser uma “sociolinguística”. Em que consiste essa concepção social da língua?

Calvet (2002) leva a sério a afirmação de que a linguística só pode ser definida como o estudo da comunidade social em seu aspecto linguístico e ocupa-se de trazer um pouco de ordem à profusão de abordagens que caracteriza o campo. Fishman (1971, p. 69), depois de ter apresentado o que seria “sociolinguística”, escreveu:

A sociologia da linguagem é tão interessante para quem estuda pequenas comunidades como para quem se ocupa da integração nacional e internacional. Ela deve esclarecer a transição de uma situação de contato direto a uma outra. Ela deve esclarecer as diferentes convicções e os diferentes comportamentos no que se refere à língua de grupos inteiros ou de classes inteiras da sociedade. Em certos casos, é preciso enfatizar a variação entre variedades estreitamente parecidas; outras vezes, estuda-se a variação entre línguas nitidamente diferentes.

López (1989, pp. 25-26) é bem claro nesse aspecto. Ele esclarece dois grandes grupos de estudos consagrados à sociolinguística: os mais frequentes, aqueles que, segundo ele, descrevem os aspectos linguísticos da sociedade, e os outros, que estudam os fenômenos linguísticos em relação a determinadas variáveis sociais. E acrescenta:

As diferenças, que saltam aos olhos, procedem do objeto de estudo selecionado: a língua ou a sociedade [...] O fato de aceitar a (socio)linguística como uma disciplina linguística tornaria vã toda a discussão de seu objeto de estudo, pois ele só poderia ser a língua. Em toda pesquisa dessa natureza, a língua é a variável dependente. Mas a língua também entra em jogo em pesquisas de outra ordem. Fique claro aqui que sua gramática ou seu léxico, que constituem o material de análise do linguista, não nos interessam mais; não passam de entidades homogêneas que fazem parte de estruturas sociais mais amplas.

Para o autor, há fenômenos ligados às línguas que dizem respeito ao estudo das sociedades: o número de línguas, suas funções, o número de seus falantes, etc. Mas, trata-se de uma descrição do aspecto linguístico da sociedade, que se poderia descrever sob outros aspectos: do ponto de vista da religião, do direito, das artes populares, etc.

Assim, a sociolinguística é o estudo da linguagem como um recurso da vida social. Inclui questões sobre como a linguagem é usada para produzir vários

resultados na interação social; de que maneira é distribuída como recurso entre os vários grupos; e o papel que desempenha na aquisição de competência de participar eficazmente da vida social (JOHNSON, 1997).

Em sociedades multiculturais, a distribuição desigual de competência na língua dominante reforça frequentemente a desigualdade racial e étnica, ao limitar a capacidade de minorias de ganhar aceitação. Em seus estudos de Sociolinguística, Bernstein (1971, 1975, 1977) desenvolveu os conceitos de códigos de linguagem formal e de jargão, para analisar a relação entre socialização, linguagem e classe social. Bernstein argumentava que as pessoas usam a linguagem de duas maneiras básicas.

Bernstein argumentava que crianças de classe média têm mais oportunidade de dominar os códigos de linguagem formal e de jargão, ao passo que as da classe operária costumam ter experiências apenas com a segunda delas. Uma vez que o código formal é a linguagem da vida pública, incluindo a escola, crianças que careçam de contato com ele sofrerão com as diferenças de classe no seu desempenho escolar, especialmente em tarefas que requeiram tipos de pensamento universalista, abstrato.

Sobre as representações sociolinguísticas, Boyer (2001, p. 40) menciona que conceitos como o purismo, a insegurança linguística e a hipercorreção, são utilizados para designar certos tipos de operações de caráter sociolinguístico, e são fenômenos, visões relativas à linguagem e / ou atividade de linguagem. No entanto, eles não se referem a níveis idênticos para analisar a sociolinguística.

Para Bourdieu (1982, p. 135) “a língua, o dialeto ou o sotaque”, consideradas realidades linguísticas, “são objetos de representações mentais, ou seja, atos de percepção e conhecimento, apreciação e reconhecimento, onde agentes mostram os seus interesses e pressupostos”.

A ideologia pode ser considerada como um corpo de representações, organizado e mobilizado com a finalidade de abertura política e/ou controle para manipular mentes (BOYER, 2001). E, no sistema educacional, quando da imposição

de uma norma prescritiva da língua, é se fizer uso da ideologia, que, como muitas ideologias, não favorecem aos alunos.

Variação linguística

Dentro da sociolinguística, temos a variação linguística, que estuda a diversidade linguística, que é a perspectiva de interesse deste artigo. As variações podem ser: geográficas, sociais, fonéticas, linguísticas, diastráticas, diatópicas e diacrônicas.

Calvet (2002) entende por variável o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa (um fonema, um signo...) e por variante cada uma das formas de realizar a mesma coisa.

Com respeito às variáveis geográficas, podemos dizer que a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território. Ao mesmo brinquedo podemos chamar de pipa, papagaio, etc. no mesmo país. O mesmo ocorre com nome de animais, comidas, etc.

As variações podem também ter um sentido social, em um mesmo ponto do território uma diferença linguística é mais ou menos isomorfa de uma diferença social. O problema se torna então distinguir, ao mesmo tempo, as variáveis linguísticas das variáveis sociais correspondentes. Nesse sentido, a sociolinguística nem sempre consegue unir as duas pontas, ou seja, a linguística de um lado e o social de outro.

Temos também as variáveis fonéticas, que difere da fonologia. Calvet (2002) diz que a fonética descreve a pronúncia efetiva de sons da língua entre os diferentes falantes e a fonologia extrai dessas pronúncias uma estrutura abstrata que permita organizar os sons da língua. A separação entre o abstrato e o concreto permite prever que ao lado do fonema abstrato e invariante suas realizações fonéticas podem apresentar, ao contrário, variantes.

Labov (1970) foi o primeiro linguista a buscar as correlações entre traços linguísticos e traços sociológicos, e no estudo de caso dele – o estudo do tratamento de duas semivogais na população de uma ilha situada junto à costa de Massachusetts,

Martha's Vineyard –; a distribuição da centralização segundo os grupos sociais (pescadores, agricultores, outros), segundo a etnia de origem (inglesa, portuguesa, indiana) etc.

Em se tratando de variável, temos também a variável linguística e social. Temos variável linguística quando duas formas diferentes permitem dizer “a mesma coisa”, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles mantêm têm uma função outra, estilística ou social.

A distinção entre variantes geográficas e sociais é frágil, pois as atitudes e os sentimentos linguísticos fazem com que características regionais possam ser socialmente percebidas.

Existem três parâmetros: um social, um geográfico e um histórico, e a língua conhece variações nesses três eixos: variações diastráticas (correlatas aos grupos sociais), variações diatópicas (correlatas aos lugares) e variações diacrônicas (correlatas às faixas etárias). Essas variações não são apenas linguísticas, elas também têm ao mesmo tempo uma pertinência social e participam de certa “cultura”. (CALVET, 2002).

Roraima e suas diversidades

O Estado de Roraima está localizado no noroeste da Região Norte da República Federativa do Brasil, faz fronteira com a República Bolivariana de Venezuela em seu norte e noroeste, e a seu leste com a República Cooperativa da Guiana, e com dois estados brasileiros, ao oeste e sul o Estado do Amazonas e ao sudeste o Estado do Pará.

O fator linguístico também está presente no significado do nome do estado, pois o nome Roraima origina-se das palavras roro ou rora, que significa “verde”, “papagaio” ou “caju”, e ímã, que quer dizer “serra, monte” na língua indígena Macuxi, formando “serra ou monte verde/do papagaio/do caju”, que reflete a natureza encontrada na região. Na língua dos índios Pemón e Taurepang, Roraima significa “Mãe dos Ventos”, em homenagem ao Monte Roraima, situado na trijunção das fronteiras Brasil, Guiana e Venezuela (SEPLAN-RR, 2009).

Dos 22,4 milhões de hectares que Roraima mede, 10,3 milhões são reservados exclusivamente para os indígenas, sendo proporcionalmente o estado brasileiro com maior área de terras destinadas aos indígenas. Do território de Roraima, 52,4% são ocupados com Unidades de Conservação e Terras Indígenas (idem).

Em sua área de 225.116,1 km² habitam cerca de 450 mil habitantes, entre brasileiros e estrangeiros. Em sua população, a maioria dos imigrantes é composta de gaúchos, cearenses, maranhenses e pernambucanos. Hoje, são considerados onze povos indígenas em Roraima e onze línguas indígenas pertencentes às famílias linguísticas: Aruaque, Caribe e Ianomâmi. Dentre os emigrantes, é possível encontrar em maior número venezuelanos, peruanos, colombianos, cubanos, guianenses, alemães, árabes, italianos e japoneses no meio de outros estrangeiros. Dentre as línguas estrangeiras, predomina o uso do espanhol e do inglês (idem).

Em termos de ocupação territorial, as reservas em que os indígenas vivem ocupam 54% da área total de Roraima, grande parte delas concentradas em regiões fronteiriças (idem).

Em Roraima é comum ver nomes de ruas, praças, órgãos públicos e pessoas em língua indígena; o folclore, a culinária e a língua são compostos por elementos trazidos da cultura indígena, como também de quase todos os estados do país representados pela população de migrantes que compõem o estado.

Diversidade linguística na Vila São Silvestre

A Vila São Silvestre é uma das vilas principais do município de Alto Alegre. Nas proximidades da vila existem duas comunidades indígenas são elas: Maloca do Raimundão e Sucuba ambas usam a língua Wapichana e Macuxi. Na maioria da população local percebe-se os sotaques de nordestinos oriundos do Maranhão e Ceará. Devido ao processo de colonização ocorrido no governo Ottomar de Sousa Pinto na década de 80 do século XX.

A partir destes dados o professor precisa dar a devida importância na escolha de textos para se **trabalhar a leitura** com os mais diversos tipos e gêneros de textos

e mais ainda refletir e tomar consciência da diversidade sociolinguística de seus alunos.

Devido a proximidade da vila com o município de Alto Alegre e Boa Vista alunos ,pais e professores costumam valorizar o que é, e o que vem das cidades mais próximas. Neste caso o professor precisa trazer leituras que valorizem a sua cultura local e o seu modo de falar, já que eles estão em constante contato com o dialeto urbano. Desta maneira o educador estará contribuindo para um processo lento e complexo, mas, necessário para que o discente venha assumir-se como homem do campo valorizando sua língua e sua própria cultura.

Quanto aos índios que moram nas proximidades da vila nota-se entre os mais jovens a presença da variedade linguística do nosso próprio português devido ao contato com os brancos não índios. Deixando aos poucos o bilinguismo e adotando a Língua Portuguesa.

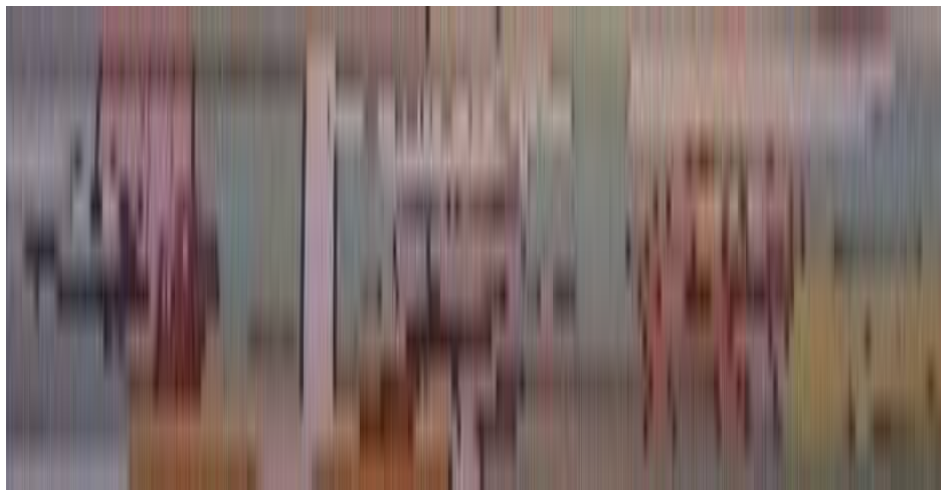
Entre os índios que vivem em contato com a população majoritária, verificam-se diferentes graus de aculturação, e seu repertório linguístico varia do monolingüismo de grupos etários mais velhos a um bilinguismo instável que tende a favorecer o português às expensas de sua línguas maternas³. (Bortoni-Ricardo,2011,p.20)

A ênfase dada na pronúncia do aluno dessa região, isto é, no ramo da linguística denominado fonologia é para que se compreenda as principais regras fonológicas de variação no português brasileiro além de ser um instrumento de análise em mãos a explicação no próprio sistema e processo evolutivo da língua. Sendo previstos e trabalhados por meio de uma abordagem pedagógica em que essa variedade não seja mais considerada como “erros”.

É notável no dialeto dos alunos palavras e expressões que são características dos falares rurais como: prantei, calvão, galfo, pobrema, homi, fizeru, falanu, comenu.

³ Sua situação de bilinguismo é instável, porque no processo de aculturação ,os indígenas se arriscam a perde sua língua materna ao adotarem o português. Fishman (1972:102) observa que no caso de uma manutenção instável do bilinguismo, com o tempo, uma variedade deslocará a outra. A língua dominante ,por fim, substituirá a língua doméstica e das relações de vizinhança

No caso da troca do r pelo l temos um personagem muito conhecido entre as crianças o Cebolinha da turma da Mônica que apresenta um problema articulatorio, escrito por Mauricio de Sousa. Suas histórias é um ótimo recurso para despertamos em nossos alunos a consciência da diversidade sociolinguística.



FONTE: Almanaque do Cebolinha:2012.

Algo muito comum à troca de l por r em pranta recebe como nome técnico de rotacismo, enquanto que o fenômeno contrário, a troca do r pelo l em descobli e folte recebe o nome de lambdacismo, considerada um marcador regional e pode ser ainda um problema fonoarticulatorio. Quanto a homi e fizeru isso acontece devido ao travamento nasal em que a sílaba final tende a ser suprimida, que tem como nome regra de desnasalização. Na sequência falanu e comenu acontecem devido a palavra ser formada por duas consoantes alveolares e por estarem no gerúndio.

Bortoni-Ricardo (2004,pp.47-48-49) apresenta outros fatores para a variação linguística como: grupos etários, gênero, status socioeconômico, grau de escolarização, mercado de trabalho e rede social.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O tipo de **pesquisa** escolhido foi a pesquisa de campo é a que realiza com o fato social situado em seu contexto natural, ou seja, em seu campo ou hábitat, sem nenhuma alteração imposta pelo pesquisador.(Fachin:2003:133)

O **método** empregado neste artigo foi o do “Estudo de caso”, pois ele nos permite a compreensão, como um todo, de um assunto investigado. E que tem como principal função a explicação sistemática das coisas (fatos) que ocorrem no contexto social e geralmente se relacionam com uma multiplicidade de variáveis. Um estudo é uma descrição analítica de um evento ou de uma situação in loco.(Fachin:2003:44)

O **instrumento** utilizado foi a entrevista, pois ela constitui uma técnica alternativa para se coletar dados não documentados sobre um determinado tema. (Pádua, 2000:66). “ a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.(Lakatos;Marconi,1994:195)

Optamos por aplicar uma entrevista dirigida já que ela nos permite a captação imediata e corrente da informação desejada à mesma possui cinco perguntas.

PERSPECTIVA E PRÁTICA DOCENTE: A ANÁLISE

Neste tópico, apresentamos a entrevista dirigida ao professor de Língua Portuguesa que trabalha com a turma do 9º ano, relacionadas à teoria e prática quanto à variação linguística em sala de aula e sua expectativa em relação ao seu aluno do campo. Esta análise está dividida em dois blocos que indicam a perspectiva do professor quanto à variação linguística e a sua prática em sala de aula.

Percepção do professor quanto à variação linguística na sala de aula

Neste bloco analisamos as perguntas um e cinco (O que você entende por variação linguística? Você acredita que o aluno do campo fala errado? Justifique.), respectivamente.

Para o professor entrevistado, **a variação linguística** é a diferença que existe na fala das pessoas de uma região para outra. Na fala do professor nota-se que para ele existe apenas um tipo de variação linguística a geográfica. Desconhecendo as sociais, fonéticas, linguísticas, diastráticas, diatópicas e diacrônicas. E ainda não

sabendo os fatores que levam a variação linguística segundo Bortoni-Ricardo (2004,pp.47-48-49)como: grupos etários, gênero, status sócio econômico, grau de escolarização, mercado de trabalho e rede social.

Segundo Possenti (1997), a variedade linguística nada mais é do que o reflexo da sociedade, onde, esta (sociedade) possui uma variedade social caracterizando então, o papel dos indivíduos e dividindo-os em grupos, classes.

Quanto à concepção do professor sobre a fala do aluno, de acordo com o entrevistado, ele pensa que não é uma questão de erro, há uma diferença na linguagem de acordo com o conhecimento cultural de cada região ou de cada local. O campo como em qualquer outro lugar existe uma variação linguística, por isso não é uma questão de erro concreto, absoluto o que há é uma diferença de regionalismo.

Esta conduta tomada pelo professor reflete uma realidade em sala de aula que identifica alguns padrões principais na conduta do professor perante a realização de uma regra linguística não padrão pelos alunos, conforme Bortoni-Ricardo (2004.p.37 e 38) os educadores brasileiros “tem feito um trabalho importante, mostrando que é pedagogicamente incorreto usar a incidência do erro do educando como uma oportunidade para humilhá-lo”.

Na fala do professor percebe-se que há um receio em afirmar que o aluno do campo fala errado. Por se tratar de variedades populares estigmatizadas. Mas, ele admite que sim quando em suas palavras afirma que depende do conhecimento cultural do individuo e do lugar, sendo o campo considerado por muitos o lugar de atraso inconscientemente ele admite que os seus alunos falam errado sim. Ou seja, ele respeita essas diferenças linguísticas mais não as domina. Esse comportamento deve-se a insegurança com relação aos falares de seus alunos, e de como intervir perante uma regra linguística não padrão pelos discentes. Promovendo aprendizagem que o conduza a um ser crítico e reflexivo e desenvolvimento dos mesmos.

Prática do trabalho pedagógico quanto à variação linguística

Neste bloco analisamos as questões dois, três e quatro (Na sua prática você utiliza adequação da linguagem? Que gêneros textuais você costuma utilizar nas

aulas de Língua Portuguesa? Que critérios você utiliza na seleção de textos para leitura em sala de aula?), respectivamente.

Segundo o professor entrevistado, ele está sempre **adequando a sua linguagem** para que seus alunos ouvintes possa entender o que ele está passando como mensagem.

Por se tratar de alunos que possuem em sua fala a variação rural do português brasileiro e variação da língua indígena e dos professores que tem como fala a língua padrão do português brasileiro. Já faz parte da ação pedagógica de alguns professores que possuem a sensibilidade e a preocupação em fazer com que o aluno não seja menosprezado diante de seus colegas e por isso fazem da sua maneira a adequação de linguagem para que os discentes compreendam o que o docente quer transmitir durante as suas aulas.

Como contribuição temos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permiti-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições de contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo: saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa, dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (PCN-Língua Portuguesa, 1998, p. 31).

Quanto aos textos utilizados nas aulas de Língua Portuguesa, o entrevistado, usa os textos que estão nos livros didáticos. O professor afirma que eles são adequados ao ensino considerando a indicação do livro para cada série. O docente não tem a preocupação em apresentar os vários gêneros textuais que existem na cultura local, quais sejam, narrativas orais, contos, fábulas, etc. Os PCNs de Língua Portuguesa recomenda que o profissional da educação utilize textos de todos os tipos, coerentes com a idade e com a realidade dos estudantes.(PCNs,1998)

A nossa ver os livros enviados para as escolas de área rural estão descontextualizados da realidade do aluno do campo. Supervalorizando uma cultura e menosprezando outra. Já que os livros quase nada retrata a diversidade da língua falada no norte.

Mas, o professor pode realizar algumas atividades como: entrevista com cinco pessoas provenientes de regiões diferentes, pedindo a elas uma pequena lista de palavras e expressões que consideram típicas de sua região.

O que precisa de fato é haver uma política educacional igualitária e democrática requerendo estudos criteriosos dos fenômenos sociolinguísticos, onde sejam feitas análise de peculiaridades do local, por meio de métodos adequados.

Um planejamento cuidadoso com uma sequência didática pode promover um ensino da língua de uma maneira reflexiva. Para isso o professor precisa fazer uma sondagem logo no início do ano para conhecer bem seus alunos: sua história de vida, o meio social, histórico do aluno. Dessa maneira o educador pode tornar o seu trabalho mais dialético, com a utilização de textos significativos e atividades próximas da sua realidade.

Quanto aos critérios utilizados pelo professor na seleção de textos, segundo o entrevistado, os critérios usados por ele são as escolhas de textos jornalísticos, revista e mais uma vez textos do próprio livro, dependendo do conteúdo que está sendo aplicado no momento.

É importante que o docente explore textos com características diversas que possibilitem ao aluno desenvolver a leitura e a escrita, não limitando o aprendizado apenas ao livro didático.

Os textos e os exercícios utilizados pelo professor de acordo com os seus critérios citados acima, geralmente são textos com exercícios baseados em exemplos soltos com nomenclaturas excessivas que deveriam ser substituídos por situações reais de uso da língua, para que os alunos sejam capazes de construir conhecimento, analisar criticamente, escolher textos e trocar informações planejar a sua fala e mais

ainda perceber e entender que a língua não é apenas um veículo de expressão, mais também instrumento de interação.

O educador deve sempre lembrar que o livro deve ser usado apenas como um apoio e quando o mesmo estiver coerente não só apenas com a idade mais também com a realidade do aluno do campo. Este deve ser o principal critério a ser considerado pelo professor na escolha de um texto.

Uma possibilidade de trabalho pedagógico está representada no diagrama de Corder (1973), que apresenta uma sequência onde o professor faz em primeiro lugar uma análise de erros, perfil sociolinguístico, elaboração de material didático.



FONTE: Diagrama de Corder: 1973.

O que poderia ser feito de acordo com as recomendações dos professores linguistas é um estudo completo e cuidadoso das variações correntes na língua portuguesa, distinguindo traços graduais de traços descontínuos. Segundo Bortoni-Ricardo (2005) poderá ser levantado assim, o perfil sociolinguístico do educando, o que servirá de subsídio para a formulação de uma política educacional que atenda as seguintes condições:

- (i) respeitem-se as peculiaridades culturais do aluno, poupando do perverso processo de conflito de valores e de insegurança linguística;
- (ii) garanta-se o acesso a língua padrão, permitindo-lhe mobilidade social;
- (iii) seja facilmente operacionalizável;

Seguindo estas orientações dadas aos professores o seu trabalho pode contribuir de forma satisfatória ao aluno na tomada de consciência de que existem duas ou mais maneiras de falar a mesma coisa. E que ele precisa adequar estas formas de falar dependendo do lugar onde ele esteja. Pois a sociedade pode ou não conferir prestígio ou humilhá-lo diminuindo-lhe as oportunidades fechando-lhe as portas estreitas da ascensão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos neste artigo como o docente trabalha a variação linguística sob a perspectiva da diversidade linguística, considerando as respostas dadas por meio da entrevista aplicada ao mesmo. Como objetivos específicos desenvolvemos o texto a partir do **conhecer** percepção do professor quanto à variação linguística na sala de aula e do **caracterizar** a prática do trabalho pedagógico quanto à variação linguística.

Quanto à percepção do professor com relação à variação linguística na sala de aula ele a penas percebe a variação linguística dos seus alunos, mas, não sabe o que fazer com esta variação que é tão importante quanto compreender o contexto sócio- histórico que existe no modo de falar dos discentes do campo. Sendo que neste contexto ele é o principal agente na promoção da valorização e ressignificação não só da aquisição linguística de variantes de prestígio como também as variantes do meio rural.

E quanto à caracterização a prática do trabalho pedagógico o educador usa o livro didático como uma camisa de força em que ele estar totalmente preso a ele. Esquecendo que o seu trabalho pode ser significativo, trabalhando com a própria variação linguística encontradas em sala de aula. Ou seja, o dialeto rural dos seus alunos. Assim como outras variedades identificadas pelos alunos por meio de entrevista , ouvir rádio e assistir TV. Uma atividade dirigida e assistida pelo professor pode promover discussões sobre a funcionalidade da língua padrão e do dialeto rural no repertório dos falantes.

Baseado no que o professor fala, podemos compreender que são inúmeras as barreiras a serem vencidas desde a falta de qualificação, orientação e até aceitação e compreensão das teorias proposta pelos linguistas. Já que a Linguística e a Sociolinguística é uma ciência recente nos cursos superiores.

Os pais de alunos e comunidade geral pensam que o trabalho dos professores de Língua Portuguesa é apenas de ensinar a norma considerada culta. Percebe-se então que na comunidade não há uma preocupação de preservação ou orgulho da sua própria linguagem, em sua grande maioria querem mudar o seu jeito de falar ou se equiparar a fala das pessoas da zona urbana. Desta maneira a própria comunidade está deixando de construir e afirmar a sua própria identidade.

Os livros didáticos também precisam passar por mudanças, seus textos precisam ser mais significativos, situações relacionadas ao campo, para que o aluno possa expressar o que pensa e o que sente; de refletir e entender o que estar em sua volta; de indignar-se para poder procurar maneiras de modificar as condições precárias e revoltantes que impuseram a eles.

Na falta de livros didáticos específicos para o aluno do campo que é a realidade da escola em que o professor trabalha ele precisa usar como recurso os diversos tipos e gêneros de textos que existe como: jornal, receitas, mito, lenda, fábula, contos, provérbios, HQS, cartas, anúncios, lista telefônica, bula de remédio, aviso, telegrama, cartão postal etc. Que os próprios alunos podem estar trazendo de suas casas ou construindo em sala com o educador.

Precisamos então lutar por uma política educacional mais realista e mais adequada e desenvolver uma pedagogia da variação ou pedagogia culturalmente sensível a estes alunos que estão inseridos no meio rural para que o processo de ensino e aprendizagem deste discente tenha significado e sentido. Principalmente aos provenientes dos segmentos mais isolados, geográfica e socialmente.

Diante destes dados e das constatações do ensino que está ocorrendo nesta comunidade, podemos dizer que a Educação do Campo precisa urgentemente conferir a devida atenção à influência da diversidade linguística no processo

educacional, considerando que a Sociolinguística vem apontando estratégias que visam aumentar a produtividade da educação e preservar os direitos do educando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNSTEIN, Basil. *Class, Codes, and Control*. Vols. 1, 2 e 3. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1971, 1975, 1977.

BORTONI-Ricardo, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*-Stella Maris Bortoni-Ricardo-São Paulo:Parábola Editorial,2004.

BORTONI-Ricardo, Stella Maris, 1945-Nós chegamos na escola e agora?:sociolinguística & educação/Stella Maris Bortoni-Ricardo-São Paulo:Parábola Editorial,2005.

BOURDIEU, Pierre. **Ce que parler veut dire**. Paris: Fayard, 1982.

BOYER, Henri. *Introduction à la sociolinguistique*. Paris: Dunod, 2001.

BRASIL, Ministério de Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN*. Brasília: MEC, 1998.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. 180p.

CORDER, P.(1973). *Introducing Applied Linguistic*. Harmondsworth: Penguin Books.

FACHIN, Odília. *Fundamentos de Metodologia*.4.ed.-São Paulo: Saraiva,2003.

FERREIRA, Helder Perri. **Los Clasificados Nominales del Yanomami de Papiu (Brasil)**. 2009. 358 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS). México.

FISHMAN, Joshua. *Sociolinguistique*. Paris-Bruxelles: Nathan-Labor, 1971.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Tradução de Ruy Jungmann. Consultoria Renato Lessa. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LABOV, William. *Sociolinguistics*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press; Harmondsworth: Penguin, 1970 (1972).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 1994.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In :KARWOSKI, M. A.; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO K. Siebeneicher. (orgs.). **GênerosTextuais: Reflexões e Ensino**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3ª ed.,

2008. MIGLIAZZA, Ernest Cesar. **Yanomama Grammar and Intelligibility**. 1972. 470 f. Tese (Doutorado em Linguística). Indiana University. Department of Linguistics.

OLIVEIRA, Luciano. *Sua Excelência o Comissário e Outros Ensaios de Sociologia Jurídica*. Rio de Janeiro: Letra Legal, 2005.

PÁDUA, Elisabete M. M. de. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico prática*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000, p.66.

POSSENTI, Sírio (1997): **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, Mercado de Letras.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Org.). Nuevos caminos de la geolingüística románica. Un balance. In: _____. *Neue wege der romanischen Geolinguistik:akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie*. (Heidelberg/Mainz,21-24.10.1991) Kiel: Westensee-Verl., 1996.

SEPLAN-RR – Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento. **Guia Turístico de Roraima**. Boa Vista: Seplan, 2009.

SOUSA, Mauricio. Almanaque do Cebolinha. Nº 33. Editora: Panini Comics,2012,p.57.